

**A LÍNGUA QUE EU ESTUDO NÃO É A MESMA QUE EU FALO:
REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA**

Rafaela Miliorini Alves de Brito

Palavras-chave: Estágio de docência supervisionado, ensino de língua portuguesa, linguística na educação básica.

O estágio de docência em língua portuguesa e literatura foi realizado no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – escola localizada na região central de Florianópolis – em uma turma de primeira fase do Curso Técnico Integrado em Eletrônica. O projeto de docência foi elaborado objetivando o ensino de linguística na sala de aula, ou seja, o estudo científico e reflexivo a respeito da língua. Foi um projeto experimental e inovador, que se propôs ensinar a língua à luz de teorias, em geral, pouco aplicadas à educação básica. Compreendemos a linguagem como um objeto de muitas faces: ela é parte da biologia humana, tendo sua origem em nossas estruturas cognitivas; é um sistema heterogêneo, mutável, que se organiza segundo regras lógicas e sociais. Todas essas características estão interligadas, portanto, buscamos apresentar aos alunos um pouco de cada uma delas, trabalhando a variação linguística, os diferentes tipos de norma, a ironia, o sarcasmo, a polissemia, a ambiguidade e a metáfora conceptual. Para a composição do projeto como um todo, baseamo-nos, especialmente, nos trabalhos de Chomsky (1971; 1991; 1997), Pinker (2004; 2007), Weinreich, Labov e Herzog (2006), Pires de Oliveira, Basso e Quarezemin (2013) e Ilari e Basso (2006). Indo ao encontro dos autores citados, entendemos que a língua materna de um sujeito é por ele adquirida ainda em casa, no ambiente familiar, durante seus primeiros anos de vida. Ela é apreendida anteriormente ao período de escolarização da criança e se desenvolve naturalmente, sem aulas de gramática ou de interpretação. Portanto, evidentemente, não é papel da escola e/ou do professor ensinar língua materna ao aluno. No entanto, percebe-se que se o ensino de língua portuguesa voltar-se apenas para o aprendizado da norma padrão (em que o aluno passivamente lança mão de regras contraditórias às que ele intuitivamente sabe), sem a devida reflexão linguística a respeito das variantes que o estudante já conhece, possivelmente ele findará o ensino básico sem alcançar os objetivos mínimos esperados. Assim sendo, buscamos focar nossas aulas no estudo naturalista que enxerga a língua como uma faculdade inata (CHOMSKY, 1971; 1991; 1997). Tomando como alicerce a proposta de Pires de Oliveira, Basso e Quarezemin (2013), esforçamo-nos por criar em sala de aula um verdadeiro laboratório de estudos da linguagem, tendo como objetivo geral realizar o exercício de reflexão sobre a língua, através do estudo científico da linguagem, realizando atividades de análise linguística baseadas em identificação da ocorrência e formulação de hipóteses para explicar os fenômenos. Consideramos que o projeto foi bem sucedido, pois percebemos que os alunos conseguiram refletir sobre sua língua materna através de suas percepções intuitivas a respeito dos fenômenos apresentados por nós. Fomos mediadoras no processo de ensino-aprendizagem, o qual foi construído em conjunto entre as professoras-estagiárias e os alunos, num processo constante de interação.

Referências:

CHOMSKY, N. Estructuras Sintáticas. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. Language and problems of knowledge. The Managua Lectures. The MIT Press: Cambridge, Mass., 1991.

_____. Linguagem e pensamento. Petrópolis: Vozes, 1971.

ILARI, R.; BASSO, R. O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PINKER, S. Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

_____. O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. Construindo gramáticas na escola. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. p. 87-126.